

# O QUE SIGNIFICA COMEMORAR A REFORMA?<sup>1</sup>

## *WHAT DOES IT MEAN TO CELEBRATE THE REFORM?*

*Jean-Paul Willaime<sup>2</sup>*

### RESUMO

---

A comemoração dos 500 anos da Reforma é uma oportunidade para destacar suas contribuições para a Igreja e a sociedade. O que significa o Protestantismo hoje? O que ele representa no mundo cristão, na era do ecumenismo? Como ele se insere na sociedade secularizada e multicultural?

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Reforma. Protestantismo. Comemoração. Ecumenismo.

---

### ABSTRACT

---

The celebration of the 500 years of Protestant Reformation gives us an opportunity to discuss its contributions to the Church and society at large. What does Protestantism mean today? What does it represent to the Christian world, in this era of ecumenism? How does it stand in midst of a secularized and multicultural society?

---

**KEY-WORDS:** Reformation. Protestantism. Celebration. Ecumenism.

---

---

<sup>1</sup> Recebido em 01/11/2017. Aprovado em 31/12/2017. Texto publicado originalmente em francês com o título “Que signifie commémorer la Réforme?”, na *Revue Études*, Janeiro 2017, n° 4234, pp. 33-44. Traduzido por Leonardo Gonçalves de Alvarenga, Doutorando em Ciência da Religião da PUC-SP, com a permissão do autor, Jean-Paul Willaime, e do editor da revista, François Euvé.

<sup>2</sup> Diretor da Seção de Ciências da Religião da École Pratique des Hautes Études, Paris-França. Email: jean-paul.willaime@gsrl.cnrs.fr

## INTRODUÇÃO

O quinto centenário da Reforma tem suscitado e ainda trará ao longo de todo ano de 2017 muitos eventos comemorativos. Mas, com estes quinhentos anos, o que comemorar exatamente? O que significa “comemorar”?

Celebrar Lutero ou a Reforma? [BOSSE-HUBER, 2014]. Questiona sabiamente um grupo em um congresso realizado em Zurique em outubro de 2013, que reuniu cerca de 250 participantes de 35 países. “O que vamos comemorar ou festejar exatamente? Em que esta Reforma consiste? Como pode dizer respeito às igrejas e ao mundo de hoje? Quando foi a Reforma e em que consiste, em última análise?” [BOSSE-HUBER, 2014, p.7]. Expressamos o desejo de uma festa “sem triunfalismo ou modéstia indevida, sem polêmica confessional nem ecumenismo simplista” [BOSSE-HUBER, 2014, p.8]. “Festejar”, “celebrar” ou “comemorar”? Lutero ou a Reforma? Entre protestantes ou ecumenicamente? Não faltam questionamentos! “Comemorar”, ou ainda “festejar” os acontecimentos que despedaçaram a unidade do Cristianismo ocidental e levaram direta ou indiretamente à violência e às guerras pode, justamente, parecer problemático. Como indica o documento “*Do conflito para a comunhão*”, comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017<sup>3</sup>, não se trata de celebrar uma divisão, mas de fazer “memória conjunta das controvérsias teológicas e eventos do século XVI” (§ 231). Controvérsias e eventos que geraram diferentes entendimentos da fé cristã.

No entanto, isso não impedirá que os protestantes destaquem as contribuições teológicas e civilizacionais da Reforma, em busca de um cristianismo mais autêntico e inserido adequadamente nas sociedades e culturas em que se expressa. A proliferação de iniciativas resultantes destes quinhentos anos oferece, em todo caso, uma grande oportunidade para refletir sobre as especificidades do Protestantismo, como uma maneira particular de viver o Cristianismo, individual e coletivamente. Em outras palavras, perguntar-se como a identidade protestante aparece nesta fase comemorativa e como interpretar a dimensão ecumênica que queremos lhe dar.

### **A compreensão do Protestantismo: um desafio à comemoração?**

Ligar os 500 anos do movimento da Reforma ao gesto de Martinho Lutero é comemorar o Protestantismo daí resultante para espelhar sua filiação luterana. Na Alemanha, fala-se, aliás, de “Luther 2017 - 500 anos da Reforma” (Luther 2017 - 500 Jahre Reform). Mas as “Perspectivas para o jubileu 2017 da Reforma”, publicado pela Igreja Protestante na Alemanha<sup>4</sup> enfatizou particularmente, além das áreas teológicas e eclesiais, as mudanças sociais, políticas, culturais e artísticas impulsionadas pela

---

<sup>3</sup> *Du conflit à la communion. Commémoration commune catholique-luthérienne de la Réforme en 2017*, Fédération protestante de France – Éditions Olivétan, 2014 (1ª edição em inglês e em alemão em 2013).

<sup>4</sup> Evangelische Kirche in Deutschland ou EKD.

Reforma. Após a comemoração do Jubileu de Calvino<sup>5</sup>, em 2009, oportunidade para destacar as contribuições do Protestantismo, a Federação Protestante da França aproveitou para apresentar o Protestantismo na atualidade como recurso e fonte para uma sociedade que, por vezes, tem falta deles. O título escolhido: “Protestantes em 2017, quinhentos anos de reformas, vivendo a fraternidade” destaca duas coisas: trata-se, de um lado, de “fazer memória dos cinco séculos” e não se concentrar no tempo de Lutero; e, por outro lado, atualizar a mensagem da Reforma, insistindo num contexto em que se cuida do “viver juntos” fraternalmente.

Mas “a quem pertence a Reforma?”, interroga pertinentemente Serge Fornerod, supervisor do projeto dos jubileus da Reforma no seio da Federação das Igrejas Protestantes da Suíça [FORNEROD, 2012]. Esse responsável suíço se coloca na perspectiva da “década da Reforma” aberta pelo Jubileu de Calvino em 2009 e que terminará com a comemoração de Ulrich Zwingli em 2019<sup>6</sup>, passando naturalmente, no entanto, pelo Jubileu em 2017. Reconhecemos que, embora alguns pensem que “sem Calvino, a Reforma teria permanecido confinada como um evento germânico no norte da Europa”<sup>7</sup>, todos os protestantes podem em alguns aspectos se dizer luteranos. Não só porque Lutero o precede cronologicamente, mas também porque mediante os seus escritos, especialmente seus grandes escritos reformadores de 1520, lançou as bases teológicas e eclesiológicas das igrejas protestantes.

Devemos, no entanto, prestar atenção ao fato de que, como acertadamente observou Hubert Bost, o Protestantismo é “um nascimento sem anúncio” (B OST, 1992). Nenhum dos reformadores teve a intenção de fundá-lo e sabemos que a intenção de Lutero não era a fundação de uma nova igreja, mas reformar a Igreja Católica de seu tempo. O nome “protestatismo”, antes de designar algumas igrejas (como a Igreja Protestante Unida da França [EPUdF] ou a Igreja Protestante Unida da Bélgica), foi usado para se referir a um mundo cristão que, além de suas diferenciações confessionais e teológicas, se reconhecia familiarmente e se referia de várias maneiras a eventos e textos do século XVI, o que permitiu, de acordo com o ponto de vista protestante, redescobrir a autenticidade da mensagem do Evangelho.

As rupturas que gerou com a Igreja Católica Romana da época foram, assim, consideradas como uma experiência de fundação de uma renovada compreensão do Evangelho e da vida cristã na sociedade. Se o termo “protestante” surgiu no século XVI – durante a segunda Dieta de Spires em 1529 – o termo “Protestantismo” apareceu apenas no final do século XVII<sup>8</sup>. De acordo com Alister Edgar McGrath, “o conceito de

---

<sup>5</sup> Em referência aos 500º aniversário do nascimento de João Calvino (1509-1564), o reformador de Genebra, para origem das Igrejas reformadas ou presbiterianas através do mundo.

<sup>6</sup> Em lembrança da chegada em Zurique, em 1519, de Ulrich Zwingli (1484-1531), então pároco da catedral. Sob a influência de Zwingli que lhe propunha sessenta e sete teses, o Conselho de Zurique autoriza a pregação sob a base das Escrituras e abole a missa católica em 1525. Zwingli fica registrado na memória protestante como o reformador desta cidade.

<sup>7</sup> Esta formulação de Serge Fornerod é excessiva. Na França mesmo, falamos de “luteranos” antes de falar de “reformados” ou de “calvinistas”, mais do que de “protestantes”.

<sup>8</sup> Segundo H. Bost, em 1694, no *Dictionnaire de l'Académie française*, que encontramos “a primeira definição do léxico de protestantismo”, *art. cit.*, p. 363.

'Protestantismo' apareceu como uma tentativa de unificar uma série de eventos do início do século XVI para formar uma narrativa comum de transformação" (MCGRATH, 2007, p.62).

No centro dos eventos e textos das reformas protestantes do século XVI, há a afirmação da autoridade soberana das Escrituras em matéria de fé e de doutrina, e a dessacralização das mediações eclesíásticas. Distinta da Igreja invisível, cujos limites apenas Deus conhece, a instituição eclesíastica e seu clero (Igreja visível) não são necessariamente fiéis à verdade cristã; devem estar sujeitos ao princípio bíblico e sua lealdade deve ser constantemente avaliada a partir da Bíblia. A dessacralização da Igreja e seus ministros, por um lado, e a afirmação do sacerdócio universal dos batizados, por outro lado, estão no centro da mensagem da Reforma. Como bem destaca McGrath, "o Protestantismo firmou sua posição no direito das pessoas de interpretar a Bíblia por si mesmas, em vez de serem forçadas a submeter-se a interpretações oficiais emitidas pelos Papas ou outra autoridade religiosa central" (2007, p.2-3).

Este gesto, para instituição religiosa cristã, teve um alcance considerável: o lugar da verdade religiosa não está mais na instituição, mas na mensagem transmitida. A legitimação foi transferida da função para a ação da Igreja, para sua orientação. A questão da fidelidade na visão protestante, não é mais uma questão institucional, mas uma questão hermenêutica e existencial: a interpretação da Bíblia e o debate sobre a verdade do Cristianismo tornam-se tanto um debate de exegetas e doutores, quanto um diálogo entre as várias experiências vivenciadas pelos indivíduos. Um princípio contestador foi, portanto, introduzido no coração da afirmação cristã; na sua verdade (o debate doutrinário), e em sua forma social (a reunião dos fiéis na vida da igreja e, assim, sua relação com o mundo). Os diferentes modos de institucionalização do Protestantismo se viram desafiados a partir de argumentos teológicos e referências à experiência. A diversidade protestante não só tem sido regularmente alimentada por controvérsias teológicas, mas também pelos movimentos pietistas e revivalistas que, em nome de sentimentos religiosos e experiências espirituais, desafiaram as institucionalizações doutrinárias e eclesíásticas das Igrejas da Reforma.

Parece apropriado definir o Protestantismo, como faz McGrath, como "uma família de movimentos religiosos que compartilham algumas fontes históricas e alguns recursos teológicos" (2007, p. 63). Eu acrescentaria, no entanto, que mobilizando constantemente fontes históricas e recursos teológicos, o Protestantismo encarna uma lógica de mudanças como se as reformas fundadoras do século XVI legitimassem, em todo caso, possíveis reformas futuras. O Protestantismo aparece, em última análise, como uma incubadora permanente de reforma, uma reforma contínua e continuada – de acordo com a fórmula *Ecclesia reformata, semper reformanda* ("Igreja reformada, e sempre reformando-se") – que sempre está lutando contra as expressões de institucionalização presentes do Cristianismo. Uma reforma contínua e continuada que limita, porém, o seu impacto potencialmente dissolvente por diversos estabilizadores, da qual faz parte a ideia reguladora do Protestantismo, juntamente com tradições confessionais específicas como Batista, Luterana, Calvinista, Metodista, etc.

## O significado da Reforma em um contexto ecumênico

A partir de 2013, o relatório da comissão Luterana-Católica romana sobre a unidade declarou: “o ano de 2017 verá a primeira comemoração que ocorre na época do ecumenismo”<sup>9</sup>. A dimensão ecumênica desta comemoração foi imediatamente confirmada por aquilo que se passou na Suécia, em 31 de outubro de 2016: o encontro entre o Papa Francisco e os representantes da Federação Luterana Mundial (FLM) na Catedral de Lund, a cidade onde, em 1523, aquela foi fundada. A reunião deu lugar à assinatura pelo Papa e pelo presidente da FLM, o Bispo Munib Younan, de uma declaração conjunta, “por ocasião da comemoração comum católico-luterana da Reforma”. O Papa Francisco, em sua homilia no dia 31 de outubro, em Lund, reconheceu com gratidão a contribuição da Reforma ao declarar que ela “contribuiu para colocar as Sagradas Escrituras no coração da vida da Igreja”. E na declaração conjunta assinada no mesmo dia, católicos e luteranos manifestaram seu profundo reconhecimento “pelos dons espirituais e teológicos recebidos mediante a Reforma”. Em outras palavras, este evento do século XVI, longe de ser percebido como algo unicamente negativo, é bem-vindo (ousaríamos dizer “comemorado”?) pela Igreja Católica pela contribuição que representa. É indiscutível que esta reunião Luterana-Católica em Lund é um marco histórico por seu alcance simbólico: um papa comemorando a Reforma em uma catedral Protestante! Um acontecimento, mesmo que a excomunhão de Lutero não tenha sido levantada, e embora católicos e luteranos ainda não possam praticar a intercomunhão.

Sem ignorar, porém, a importância histórica do evento que constituiu esta visita do Papa Francisco à Suécia, é, no entanto, necessário destacar limites inegáveis. Limites que fazem parte das ambivalências estruturais das iniciativas ecumênicas nas quais, independentemente da vontade de uns e de outros, cada um defende também sua identidade e sua verdade (Willaime, 2016), o que, novamente, é normal de um ponto de vista psicossociológico. Vários fatores permitem relativizar o encontro de Lund. Em primeiro lugar, se as igrejas luteranas podem reivindicar uma referência privilegiada a Lutero, se sua legitimidade é forte por este elo com a Reforma do século XVI, com 73 milhões de membros, elas representam hoje apenas 10% do Protestantismo mundial (estimado em mais de 800 milhões de pessoas). Em outras palavras, na sincronia contemporânea do Protestantismo marcada pelo desenvolvimento de várias igrejas evangélicas e pentecostais, o componente luterano deve ser relativizado embora tenha grande importância histórica e teológica. Todas as expressões do Protestantismo, em diferentes graus, é verdade, são devedoras do impulso da reforma luterana. É necessário também ser sensível ao fato de que na diversidade protestante, o Protestantismo luterano é, sem dúvida, a expressão do Protestantismo mais aberta ao ecumenismo católico-protestante, característica que o papa não ignorou, evidentemente.

Ao viajar para a Suécia, o papa também visitou um país em que, demograficamente, o Protestantismo luterano está em declínio e o Catolicismo em alta (em parte graças à imigração). Um país onde “celebrar” a Reforma também tende a mascarar a violência com a qual esta última se impôs. Vários universitários católicos aproveitaram assim a

---

<sup>9</sup> Du conflit à la communion. Commémoration luthéro-catholique commune de la Réforme em 2017, § 7.

oportunidade desses quinhentos anos para lembrar que, na Suécia, a transição para a Reforma sob o rei Gustav <sup>10</sup> Vasa [1495-1560] foi feita na violência [fechando e saqueando mosteiros, revoltas populares reprimidas a sangue...]<sup>10</sup>. Universitários que reclamam, e eles tem razão de fazê-lo, uma comissão da verdade sobre como a Reforma se deu por meio da opressão exercida pela Igreja da Suécia contra o povo sami (os Lapões). Reforma na Suécia, Reforma na França: uma história diferente, com uma violência político-protestante de um lado e uma violência político-católica do outro. Todos estes elementos ponderam o alcance ecumênico da reunião Luterano-Católico em Lund. Em todo caso, não se deve esquecer-se das outras expressões além do Protestantismo luterano.

Aliás, o papa não ignora a diversidade do Protestantismo e do ecumenismo católico-protestante presente em várias reuniões e diálogos bilaterais entre representantes da Igreja Católica e representantes de várias sensibilidades protestantes: Reformados, Batistas, Evangélicos. Mencionemos, particularmente o encontro no Vaticano, em 10 de Junho de 2016, com representantes da Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas (CMIR) <sup>11</sup> com o cardeal Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. A CMIR, que constitui, no entanto, a contraparte reformada da FLM, realizou vários diálogos com a Igreja Católica. O quarto deles, intitulado “Justificação e sacramentalidade: a comunhão cristã como um agente da justiça”, será publicado em 2017. Vendo neste ano comemorativo uma “oportunidade maravilhosa”, o Presidente da CMIR destacou particularmente que percebeu “a Reforma com sua grande diversidade e seus múltiplos eventos: Lutero, Calvino, Zwinglio, Knox”. Os reformados são, sem dúvida, mais sensíveis à pluralidade das reformas que os luteranos. O Papa Francisco não se esquece também dos evangélicos: ele teve um encontro com sete pastores evangélicos italianos, em 08 de setembro de 2016, na casa St. Martha, no Vaticano. Desde 1973, são realizadas reuniões entre representantes da Aliança Evangélica Mundial e os delegados do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade Cristã<sup>12</sup>. Ainda assim, há menos mobilização evangélica para o Jubileu em 2017 que, entre os luteranos e reformados. Mas, para além desta diversidade protestante, há ainda o fato de que o Protestantismo, na pluralidade de suas expressões confessionais, gerou sua própria cultura nas diferentes áreas linguísticas em que se desenvolveu. Em outras palavras, o Protestantismo não é apenas uma teologia e uma eclesiologia, mas também uma maneira de enfrentar a história e viver o Cristianismo na sociedade.

O “ecumenismo” da comemoração dos quinhentos anos da Reforma, se continuasse a sua lógica unilateralmente, poderia obscurecer o fato de que, para muitos protestantes, a Reforma representa “o surgimento de uma alternativa cristã real para a tradição católica romana”, como diz o dossiê da imprensa da Federação Protestante da

<sup>10</sup> Ver a obra coletiva publicado em sueco sob o título *L’odeur des cierges qui s’éteignent. La Réforme vue du peuple* com a particular participação de Fredrik Heidling, jesuíta, professor de teologia da Université d’Upsal. Referimo-nos ao arquivo publicado no semanário *La Vie* du 27 de outubro de 2016, em particular a entrevista com o padre Heidling.

<sup>11</sup> Os pastores Jerry Pillay e Chris Ferguson, respectivamente presidente e secretário geral da Communion Mondiale d’Églises Réformées - CMER, e Aruna Gnanadason, conselheira teológica da CMER.

<sup>12</sup> Ver Louis Schweitzer (dir.), *Le dialogue catholiques-évangéliques. Débats et documents*, Edifac – Excelsis, 2000.

França. Uma alternativa que, em particular, leva a uma concepção diferente do ministério (pastores e reformadores puderam casar-se desde o século XVI e, no século XX, o ministério pastoral foi aberto para as mulheres), da Eucaristia (ou Santa Ceia) e da Igreja. Somam-se a isso as diferenças entre católicos e protestantes em relação à ética sexual e familiar e à bioética. Em suma, o Cristianismo protestante, com todas as tensões que lhe são próprias, encarna, em alguns aspectos pelo menos, um outro Cristianismo. Protestantes de sensibilidade liberal como os de sensibilidade evangélica pensam isso sinceramente.

Mas há mais. Historiadores, filósofos e sociólogos não podem senão estar de acordo com o sexto ponto do documento “Perspectivas para o Jubileu 2017 da Reforma”, elaborado pela Igreja Protestante na Alemanha: “a Reforma não tem somente modificado fundamentalmente a Igreja e a teologia. O Protestantismo daí resultante contribuiu para toda a vida pública e privada, para as estruturas da sociedade, a economia, os padrões de percepção cultural e as mentalidades, assim como para os conceitos legais, científicos e as formas de expressão artísticas”. O relatório dos Iluministas (em suas versões em francês, mas também em alemão, inglês e escocês) e, mais amplamente, sobre a modernidade foi diferente em países predominantemente protestantes e naqueles de predominância católica. Ainda vemos as consequências nas últimas décadas. Como já tinham mostrado as pesquisas europeias de 1981 sobre os valores, de acordo com pesquisas de 1990, os católicos e os protestantes não hierarquizavam da mesma forma os valores de liberdade e igualdade: na Europa, 61% dos protestantes escolheram a liberdade contra 47% de católicos. O filósofo Pierre Bouretz, interessado pela “origem religiosa do individualismo moderno”, observou, por sua vez:

Aqui, está inevitavelmente o efeito da Reforma que é decisivo, na medida em que promove uma forma autêntica de autonomia do indivíduo diante da autoridade, que não se concebe como emancipação perante as idéias da religião, mas como um retorno à sua origem. [BOURETZ, 2000, p.69]

Segundo ele, a França e a Alemanha encarnam “duas variantes do individualismo” as quais “têm sua base em relações opostas à herança religiosa: de um lado, o projeto de uma retirada do seu controle, confundido com as reivindicações espirituais e políticas da Igreja Católica; do outro, o sentimento de uma secularização da fé em uma cultura da interioridade preparada pelo Protestantismo”. Quanto à comparação entre a França e os Estados Unidos, “não é uma diferença política em relação ao grau de autonomia do Estado que separa a América da França, mas a existência de dois modelos estranhos um ao outro, da relação das sociedades modernas à experiência religiosa” [BOURETZ, 2000, p.58]. Em outras palavras, a Reforma não é feita apenas de diferenças teológicas, mas também de experiências religiosas e diferentes marcas culturais que não se reverterão por um acordo teológico, mas sim sob o efeito da secularização e da “evangelização” transconfessional do Cristianismo.

As formas católica e protestante do Cristianismo transformadas em subculturas minoritárias nas sociedades secularizadas enfrentam agora uma situação muito diferente. Estas mudanças sociológicas significam que, cada vez mais, o Cristianismo é um Cristianismo por opção e não por herança, e que todos os cristãos tendem a se tornar testemunhas confessantes e comprometidos com sua fé. Assim, católicos e protestantes tornam-se um pouco evangélicos, embora eles se manifestem de forma diferente dos evangélicos renascidos. Esta nova situação sócio-religiosa também pode reativar, ao lado e apesar do ecumenismo, lógicas competitivas entre as várias maneiras de assumir o Cristianismo e suscitar reafirmações identitárias menos complexas, tanto do lado católico como do protestante [assim, aliás, no mesmo seio do Protestantismo entre luteranos-reformados e evangélicos].

### **Comemorar a Reforma na França**

O Jubileu 2017 provavelmente será marcado, na França como em outros lugares, pela afirmação de autoestima protestante que, sem esconder as sombras e mantendo-se aberta à dimensão ecumênica, não hesitará em expressar nesta ocasião os “valores protestantes” e as contribuições do Protestantismo na Europa e no mundo. Mais uma vez, esta autoestima é compreensível do ponto de vista psicossociológico. E o é tanto mais que o clima contemporâneo é de paz, de valorização das diferenças, uma valorização que visa menos a reabsorção das diferenças confessionais do que sua coexistência pacificada. O evento comemorativo também encontra por outro lado um Protestantismo francês que vive mudanças importantes e busca reafirmar-se em uma sociedade tanto pós-secular quanto pós-cristã.

Três grandes dinâmicas de recomposição estão em ação dentro deste contexto. A primeira é a dinâmica Lutero-reformada como evidenciado pela criação em 2013 do EPUdF, comunhão luterana e reformada e, na Alsácia Moselle, a União das Igrejas Protestantes da Alsácia e de Lorraine em 2006. A superação, em respeito às sensibilidades de uns e outros, das diferenças históricas luterano-reformadas tem permitido o compromisso de uma dinâmica confessante do testemunho protestante em palavras e atos, mantendo-se numa lógica de abertura e de questionamento. Os Luterano-Reformados, que muitas vezes defenderam o enterro discreto do testemunho cristão no secular, aceitam hoje o fato de que, em uma sociedade secularizada e pluralista, é esperado de uma minoria religiosa que diga e manifeste sem complexo o sentido de sua crença e esperança. Esta afirmação descomplexificada da identidade protestante luterana-reformada quer definir-se de forma positiva e não contra [a Igreja Católica e o Protestantismo evangélico].

A segunda é a dinâmica evangélica. Ela manifestou-se especialmente na formação, em 2010, do Conselho Nacional dos Evangélicos da França que reúne a maioria das igrejas evangélicas, as de tendência pietista ortodoxa como as de tendência carismática pentecostal. O crescimento numérico dos protestantes evangélicos e a multiplicação de seus lugares de culto tornaram ainda mais necessária a criação de um organismo que regule a diversidade evangélica. O zelo evangelizador deste Protestantismo de conversão se manifesta em particular pela implantação de novas igrejas locais. Embora alguns prefiram o

qualificativo de evangélicos ao invés de protestantes, muitos evangélicos também são portadores de uma identidade protestante tranquilamente assumida.

A terceira dimensão desta recomposição do Protestantismo na dinâmica multicultural da França cruza com a presença de igrejas africanas, caribenhas, malgaches, chinesas, coreanas, ciganas, mas também com fiéis de outros continentes que frequentam as paróquias da 'EPUdF. Uma certa mundialização protestante se expressa aqui, especialmente mediante a francofonia protestante. Esta diversidade cultural da população protestante, particularmente acentuada no movimento evangélico e pentecostal, é também um desafio para a integração sócio-religiosa.

Pelas reuniões festivas como "Protestantes em festa", em Estrasburgo em 2009 e "Paris da esperança", em Paris, 2013, mostrou-se a identidade plural de uma família protestante recomposta, que procurou tornar-se visível e compreensível. Mostrar-se-á também, por ocasião do Jubileu 2017, mediante um simpósio internacional em 22 e 23 de setembro de 2017, no Hotel Paris City Hall e uma reunião festiva em Estrasburgo, de 27-29 outubro de 2017. As três dinâmicas de recomposição mencionadas acima mostram cada qual em um contexto atual nas sociedades secularizadas e confrontadas pela globalização, uma reafirmação da identidade protestante. É no quadro de um Protestantismo que defende sua identidade plural que o Jubileu 2017 se situa. Mas esta colocação em cena e em sentido da identidade protestante plural não deve ofuscar que a Reforma, é "antes de tudo um movimento de busca da conformidade da vida da Igreja à sua origem, o Evangelho" (Serge Fornerod). Se a Reforma é o desejo de redescobrir os caminhos da verdade cristã por meio das Escrituras, se a Reforma é a relativização das mediações eclesiais e a afirmação do sacerdócio universal dos crentes, esta interpelação é para todas as igrejas, os protestantes como os outros, e para todos os cristãos.

## Referências Bibliográficas

BOSSE-HUBER, Petra ; FORNEROD, Serge, Thies Gundlach et Gottfried Wilhem Locher (dir.). *Célébrer Luther ou la Réforme ? 1517-2017*, Labor et Fides, 2014.

BOST, H. Protestantisme : une naissance sans faire-part. *Études théologiques et religieuses*, 67e année, 1992/3, pp. 359-373.

BOURETZ, P. La démocratie française au risque du monde, dans Marc Sadoun (dir.), *La démocratie en France. 1. Idéologies*, Gallimard, 2000.

FORNEROD, Serge. *À qui appartient la Réforme ?* bulletin 1/2012, site de la sek-feps.

MCGRATH, Alister. *Christianity's Dangerous Idea. The Protestant Revolution – A History from the Sixteenth Century to the Twenty-First*. HarperOne, 2007.

WILLAIME, J.-P. Les oecuménismes chrétiens au défi des mutations sociétales et religieuses contemporaines, dans Michel Mallèvre (dir.), *L'unité des chrétiens. Pourquoi ? Pour quoi ?*, Cerf, 2016.